

Vizinhos são 'válvula de escape' para exportações

**Balança comercial** Em queda global, saldo do país cresce na América do Sul

# Países vizinhos viram 'válvula de escape' para exportações

Marta Watanabe  
De São Paulo

Depois de recuperarem em 2021 o nível pré-pandemia, as exportações brasileiras para os países da América do Sul avançam neste ano em ritmo mais acelerado que a média total e também em relação às importações, em contraste com que acontece na balança total do país. Com isso, o superávit comercial nas trocas com os países vizinhos alcançou US\$ 7,97 bilhões de janeiro a julho deste ano, mais que o dobro dos US\$ 3,68 bilhões em igual período de 2021. O saldo da balança total do país caiu 10% no mesmo período.

Como resultado, a fatura do superávit com os países sul-americanos equivale de janeiro a julho deste ano a 20% do total, em avanço na comparação com os 8,3% de iguais meses do ano passado, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex/ME). As vendas de produtos brasileiros à região somaram US\$ 24,84 bilhões este ano e avançaram 39,4%. Os embarques totais do país cresceram 20,1%. A diferença também se deu no ritmo de aumento da importação, com alta de 19,4% no comércio com os

vizinhos e de 31,6% quando se olha o total das compras externas do país, sempre de janeiro a julho.

A exportação brasileira aos sul-americanos caiu em 2020 com a eclosão da pandemia de covid-19. Naquele ano, de janeiro a julho, o país exportou aos países vizinhos US\$ 12,02 bilhões, valor 27,2% abaixo dos US\$ 16,5 bilhões de 2019. Em 2021, com a recuperação econômica na região, a exportação somou US\$ 17,82 bilhões, sempre no acumulado até julho. O desempenho dos embarques este ano contribuiu para um superávit levemente acima dos US\$ 7,92 bilhões de iguais meses de 2018, antes pico da série desde 1997, considerando o período dos sete primeiros meses do ano.

Para José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), a recuperação das vendas externas ao mercado sul-americano é importante porque a região é tradicionalmente consumidora de produtos manufaturados brasileiros, embora a exportação de petróleo para países como o Chile tenha ajudado também a engordar os embarques e o superávit comercial no comércio regional. Um terzo

**Comércio com os vizinhos avança**

Exportação e saldo brasileiro por países sul-americanos\* - em US\$ bilhões



Fonte: Secex/ME. \*Não inclui Ilhas Malvinas e Guiana Francesa, em razão de valores relativamente baixos

De janeiro a julho de 2022 em relação a iguais meses de 2021:

116,5% foi a alta do superávit brasileiro no comércio com os países da América do Sul

10% foi a redução do saldo brasileiro no comércio total

dos US\$ 5,18 bilhões que os chilenos absorveram de janeiro a julho em produtos brasileiros foi petróleo, seguido de automóveis, que ficaram com fatia de 7%. Já na importação brasileira de produtos sul-americanos, diz Castro, predominam commodities ou produtos com pequeno beneficiamento.

Dados da Secex mostram que, dos cinco principais itens embarcados aos vizinhos de janeiro a julho, quatro foram manufaturados, todos ligados a automóvel ou transportes. O petróleo liderou a lista, com fatia de 9,4%, praticamente empatado com os 9,03% em carros. Os dois itens foram seguidos por partes e acessórios de automóveis, veículos para transporte de mercadorias e tratores. Os cinco produtos foram responsáveis por 28% da pauta de exportação do Brasil rumo aos sul-americanos.

Lia Valls, pesquisadora do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre), diz que o aumento do valor das exportações brasileiras tem sido acompanhado por elevação das quantidades embarcadas. Segundo dados levantados no âmbito do Indicador de Comércio Exterior (Icomex), a quantidade exportada para a Ar-

gentina subiu 14% de janeiro a julho deste ano contra igual período do ano passado. Nas importações houve queda de quantidade de 0,7%. Nas exportações para os demais países da América do Sul, diz Lia, o aumento de volume foi de 14,3% enquanto a quantidade importada caiu 7,5%.

A principal explicação para o aumento das exportações, diz Castro, da AEB, é a maior parte dos países dessa região é exportadora de commodities, itens que tiveram forte elevação de preços, gerando divisas adicionais. Isso, diz, proporcionou a esses países novas oportunidades de importação de manufaturados brasileiros.

Num momento de gargalos logísticos no comércio global, aponta, a proximidade geográfica do Brasil, o custo logístico adaptado à região, a disponibilidade de contêineres e a viabilidade de transporte terrestre incluem-se entre as principais razões de o comércio na região ter sido favorecido.

Castro pondera que não se trata de algo homogêneo. Segundo dados da Secex, considerando o comércio com todos os 11 demais países da região, o Brasil teve déficit com três países de janeiro a julho. O saldo negativo é explicado principalmente pelo fornecimento de produtos ligados a energia. Houve déficit com a Bolívia, do qual o Brasil importa gás, com o Paraguai, que fornece energia elétrica, e com a Guiana, por causa do petróleo. Os guianenses praticamente apareceram neste ano no mapa brasileiro de importações. O Brasil importou deles US\$ 313 milhões de janeiro a julho, quase tudo em petróleo.

A Argentina também tem uma situação diferente e específica, aponta Welber Barral, sócio da BMJ Consultoria. A exportação de US\$ 8,89 bilhões de janeiro a julho deste ano aos argentinos representa recuperação, com alta de 34% contra igual período do ano passado. Com situação externa ainda difícil, porém, diz Barral, o país não tem divisas disponíveis para permitir uma balança comercial muito desfavorável, o

que pode voltar a impactar o Brasil. Recentemente, o banco central argentino baixou novas medidas que já vêm sendo sentidas por alguns setores em que os exportadores são menores e mais pulverizados, relata Barral.

A Abicafados, que reúne fabricantes do setor calçaísta, já se manifesta sobre dificuldades enfrentadas pelas empresas nos embarques à Argentina, mas o efeito disso ainda não apareceu claramente nos números do comércio bilateral, informa.

**Produtos manufaturados, principalmente ligados a veículos e transporte, dominam a pauta**

As restrições impostas pelo sócio do Mercosul para as exportações brasileiras não são algo novo no comércio bilateral, lembra Barral. Elas ganharam corpo com as licenças de importação durante a gestão de Cristina Kirchner, que esteve à frente do governo argentino de 2007 a 2015. E mesmo antes da pandemia, diz, os embarques brasileiros aos argentinos também caíram em razão da crise econômica no país vizinho, que ainda enfrenta inflação alta neste ano.

Para Castro, o cenário mais positivo do comércio com os vizinhos deve propiciar uma exportação brasileira aos sul-americanos de US\$ 41 bilhões em 2022. No ano passado essa receita foi de US\$ 34,1 bilhões. O superávit com esse grupo de países deve aumentar neste ano, diz, o que contrasta com o que a AEB projeta para o saldo total brasileiro. Após o superávit recorde de US\$ 61,22 bilhões na balança total de 2021, Castro estima saldo positivo de US\$ 54,13 bilhões ao fim deste ano.

Há incerteza, porém, sobre a sustentabilidade do desempenho do comércio com a vizinhança em prazo mais longo, aponta. Os dados e cenários mostram que o Brasil pode ocupar mais espaços nos mercados de diferentes países da América do

Sul. "Depende mais de o Brasil querer aumentar suas exportações e menos de as empresas destes países desejarem ampliar suas importações." Apesar dos bons resultados alcançados, não se pode considerar esse mercado vizinho como cativo, lembra, pois a China, principalmente, está ocupando espaços e desalojando o Brasil como principal fornecedor em alguns países.

Lia destaca que, em 2022, o desempenho mais positivo das exportações brasileiras aos vizinhos sul-americanos deve-se à recuperação econômica na maioria dos países. O comércio futuro depende disso e de outros fatores, como o papel dos acordos comerciais com parte dos parceiros e do alinhamento político. O resultado das eleições no Brasil, avalia, também pode influenciar na política externa regional. Em prazo mais curto, diz Lia, a preocupação é com possível desaceleração econômica à frente.

Segundo as projeções de consenso do relatório de agosto da consultoria FocusEconomics, a estimativa é que o PIB da Colômbia cresça 5,8% em 2022 após expansão de 10,6% no ano passado. Para 2023, a estimativa é de alta de 2,6%. No Chile, o crescimento projetado é de expansão de 2% neste ano, após alta de 11,7% em 2021. Para o ano que vem, a estimativa é de crescimento de 0,2%.

Barral lembra que o desarranjo do comércio internacional, sob impacto da pandemia e depois pela guerra entre Rússia e Ucrânia, trouxe desafios comuns a todos os países latino-americanos, como a pressão de preços. No médio prazo, porém, o contexto internacional pode favorecer o comércio com a Argentina e os demais países sul-americanos. A região, aponta, é uma das poucas do mundo onde não há uma corrida armamentista, o que a torna um fornecedor considerado confiável do ponto de vista político. O movimento de realocação de recursos produtivos nas maiores economias, trata-se, diz Barral, de uma oportunidade para a região na atração de indústrias.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Brasil Caderno: A Pagina: 4